



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



Narrativa, experiência e temporalidade: entrelaçamentos na pesquisa em Educação Matemática

Narrative, experience, and temporality: interconnections in mathematics education research

Leoni Malinoski Fillos

Doutora em Educação Matemática

Universidade Estadual do Centro-Oeste – Paraná – Brasil

leoni@unicentro.br

<https://orcid.org/0000-0002-5110-0234>

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir os sentidos, as potencialidades e as contribuições da pesquisa narrativa, bem como seus entrelaçamentos com os conceitos de experiência e temporalidade. Trata-se de um estudo teórico, fundamentado em diversos autores, que se articula às discussões realizadas em uma disciplina de um programa de pós-graduação em Educação, às reflexões e aos modos de investigação de um grupo de pesquisa, e em experiências da autora na pesquisa narrativa. Apresenta, para tanto, reflexões sobre o uso de narrativas, particularmente na pesquisa em Educação Matemática, e ilustra as relações da narrativa com os conceitos de experiência e temporalidade, a partir de excertos de uma entrevista realizada para uma pesquisa de mestrado. Aponta-se que as narrativas se constituem em fontes substanciais de conhecimento, potencializando um profundo processo de reflexão sobre as vidas dos outros e sobre nossa própria vida.

Palavras-Chave: Pesquisa narrativa; Educação; Grupo de História Oral e Educação Matemática; experiência; instâncias da temporalidade.

Abstract

This paper aims to discuss the meanings, potentialities, and contributions of narrative research, as well as its interconnections with the concepts of experience and temporality. It is a theoretical study, based on various authors, that is linked to discussions held in a graduate-level Education course, to the reflections and research approaches of a research group, and to the author's

experiences with narrative research. It presents reflections on the use of narratives, particularly in Mathematics Education research, and illustrates the relationships between narrative and the concepts of experience and temporality, using excerpts from an interview conducted for a master's research project. The article points out that narratives constitute substantial sources of knowledge, enhancing a deep process of reflection on the lives of others and on our own lives.

Keywords: Narrative research; Education; Oral History and Mathematical Education Group; experience; instances of temporality.

INTRODUÇÃO

Sem qualquer previsibilidade do que virá a ser, o tempo, todavia, projeta utopias e desenha com as cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado (Delgado, 2003, p. 10).

O presente texto resulta dos debates realizados na disciplina “Pesquisa Narrativa em Educação: abordagens teórico-metodológicas”, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), localizada no estado do Paraná. O objetivo principal da disciplina foi discutir, a partir de um viés teórico-filosófico, as metodologias que têm as narrativas como base para investigações no campo da Educação, com destaque às suas especificidades, potencialidades e limitações.

A referida disciplina, inserida na linha de pesquisa “Educação, Cultura e Diversidade”, foi organizada a partir de leituras, filme, seminários e produções escritas, além de discussões em grupos e no coletivo da turma. Os encontros possibilitaram o aprofundamento dos conceitos centrais dos textos, além da sensibilização de mestrandos, doutorandos e professores da Educação Básica para as potencialidades da pesquisa narrativa, ampliando o debate sobre as investigações no campo da Educação.

As reflexões neste texto articulam-se, ainda, às minhas experiências na pesquisa narrativa e às discussões/teorizações provenientes das leituras e reuniões do Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem), que tem como projeto de ampla envergadura realizar um mapeamento da formação e atuação de professores de Matemática no Brasil. Para este empreendimento, o Grupo tem se valido principalmente de narrativas, provenientes de entrevistas, para as práticas de pesquisa e, dentre outras possibilidades, o modo mais frequente mobilizado tem sido a História Oral.

As pesquisas que desenvolvi no mestrado e no doutorado inserem-se no projeto de mapeamento supracitado. A primeira pesquisa mobilizou oito narrativas de professores e ex-professores e buscou compreender o movimento de formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática em Irati (PR), no período que abrange o início do século XX aos primeiros anos do século XXI (Fillos, 2008). A segunda, novamente trouxe narrativas de doze professores e/ou gestores para analisar a dinâmica de idealização e desenvolvimento do primeiro curso de pós-graduação em Modelagem Matemática para professores, realizado em Guarapuava (PR) e de outros cursos realizados *a posteriori*, na primeira metade da década de 1980 (Fillos, 2019).

A opção pelas narrativas se justifica pelo entendimento de que uma investigação histórica da formação de professores não se faz somente a partir de registros escolares estáticos, como atas, ementas e relatórios, mas também com a presença do outro que partilha experiências, que traz à tona enfrentamentos, encantos e desencantos, que revela causas e implicações de uma conjuntura mais ampla, que problematiza o passado e permite diferentes modos de se conceber o presente e pensar o futuro (Garnica, 2015b). Por isso, o envolvimento com a História Oral e, por extensão, com as narrativas me faz acreditar e argumentar que esse é o meu modo de fazer pesquisa e de contribuir para a compreensão sobre os movimentos da Educação Matemática no país.

Nessa perspectiva, este artigo tem por objetivo discutir os sentidos, as potencialidades e as contribuições da pesquisa narrativa e seus entrelaçamentos com os conceitos de experiência e temporalidade. Trata-se, metodologicamente, de um estudo teórico, que se fundamenta em diversos autores e que se articula às discussões realizadas em uma disciplina de um programa de pós-graduação em Educação, nas reflexões e modos de investigação de um grupo de pesquisa, além das experiências da autora na pesquisa narrativa.

O texto está estruturado em duas partes: a primeira apresenta uma discussão teórica para caracterizar a narrativa, com base em textos debatidos na disciplina no PPGE e nos encontros do Ghoem; a segunda traz para o debate as diferentes instâncias do tempo na narrativa (presente, passado e futuro) e alguns excertos de uma entrevista realizada no mestrado que evidenciam a relação entre essas instâncias. Por fim, apresento algumas considerações finais.

NARRATIVA E EXPERIÊNCIA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Ao longo da nossa vida, vivemos imersos em narrativas. Desde muito cedo, ouvimos, contamos, escrevemos e lemos histórias, sejam elas reais ou fictícias, de um passado remoto ou de um passado recente. De alguma forma, estamos constantemente narrando. Narramos acontecimentos, fenômenos, experiências, sentimentos, outras pessoas e a nós mesmos. Narramos em todas as idades, em todos os lugares, em qualquer tempo, em qualquer sociedade. Narramos porque as vidas humanas têm necessidade de serem contadas, construídas, relatadas e formadas. Somos, assim, tanto escritores como leitores de nossas próprias vidas e, em nossas relações com o outro, não fazemos mais do que “contar/imaginar histórias, ou seja, narrativas, que são um modo básico de pensar, de organizar o conhecimento e a realidade” (Bolívar, Domingo, Fernández, 2001, p. 19).

De acordo com o crítico literário e filósofo Roland Barthes (2011), todas as classes, todos os grupos, têm suas narrativas. “Não há em parte alguma povo algum sem narrativa” (p. 19). Ela começa com a própria história da humanidade e é sustentada pela linguagem, pela imagem, pelos gestos, pelas artes ou pela combinação desses elementos. A narrativa está presente no conto, no mito, na história, na comédia, no drama ou no cinema. Faz parte da pintura, do vitral, da notícia, da conversação. De fato, “a narrativa está aí, como a vida” (Barthes, 2011, p. 19).

Nesse contexto, insere-se o filme brasileiro *Narradores de Javé* (2003), dirigido por Eliane Caffé, que expõe o drama dos moradores de um pequeno vilarejo do Vale de Javé diante da possibilidade da construção de uma represa e da ameaça concreta de inundação do vilarejo pelas águas. A única chance que os habitantes têm para não ficarem desabrigados é fazer um dossiê que prove que esse lugar tem uma história, uma identidade própria a ser preservada. O enredo reconhece o conjunto de narrativas dos moradores como um patrimônio histórico-cultural, ressaltando a importância da rememoração como forma de reconstrução das histórias de vida, tanto numa perspectiva individual quanto coletiva, e que a tradição oral se fortalece quando vinculada à escrita.

O filme deixa claro que as narrativas, mais do que um modo de trazer à tona histórias dos moradores, os constituem enquanto seres humanos. Por meio delas, os narradores produzem conhecimento sobre si mesmo, sobre os outros e sobre seu cotidiano, revelando-os através da singularidade de suas memórias e de seus saberes. Eles

não se prendem às normas. Criam percursos alternativos, deixando aflorar suas subjetividades, suas sensibilidades. Como nos dizem Clandinin e Connelly (2015, p. 48), “a vida – como ela é para nós e para os outros – é preenchida de fragmentos narrativos, decretados em momentos históricos de tempo e espaço, refletidos e entendidos em termos de unidades narrativas e discontinuidades”.

No Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem), as narrativas são concebidas como fontes historiográficas de pesquisa, sendo exercitadas por meio dos parâmetros metodológicos da História Oral. Essas narrativas, em geral produzidas por meio de entrevistas, têm possibilitado uma variedade de estudos relacionados à cultura escolar e ao papel da Educação Matemática nessa cultura, incluindo pesquisas que evidenciam o campo da Educação Matemática em linhas de investigação como: história da Educação Matemática, abordagens sobre matemática inclusiva, análise de livros antigos de Matemática ou voltados ao ensino de Matemática, e o uso de narrativas para a formação de professores que ensinam Matemática. Ou seja, a Educação Matemática “é a ‘nossa cidade’, ela é algo que vemos uns nos outros e faz com que nos reconheçamos como pessoas que têm interesses em comum” (Garnica, 2015a, p. 38).

Concomitantemente às trajetórias de investigação, no Ghoem buscamos constituir um referencial teórico-metodológico que justifique a utilização das narrativas como recurso em nossas pesquisas. Temos nos respaldado, para tanto, em teóricos como Walter Benjamin (1987a, 1987b), Clandinin e Connelly (2015), Bolívar, Domingo e Fernandez (2001), Jorge Larossa (2002), entre outros.

Segundo Benjamin (1987a), a narrativa representa uma forma artesanal de comunicação, pois é por meio dela que as pessoas se comunicam e compartilham suas experiências. O conceito central de sua filosofia é, portanto, a experiência e, como expressão dela, a narrativa, que para ele seria a forma mais adequada ao ser humano de se comunicar. Contar histórias, para o filósofo, é a arte de contá-las de novo, e ela [a narrativa] se perde quando as histórias deixam de ser preservadas.

Segundo Benjamin (1987a), a narrativa tem a capacidade de suscitar nos ouvintes os mais diversos conteúdos e estados emocionais, uma vez que, diferentemente da informação, ela não nos fornece respostas prontas. Ela se reconstrói à medida que é narrada, “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”

(p. 8). A experiência vivida e transmitida pelo narrador tem o poder de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias vivências, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Narrar, portanto, é “a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1987a, p. 198).

Já Clandinin e Connelly (2015), nessa mesma direção, entendem os seres humanos como organismos contadores de histórias que, individual e socialmente, vivem vidas narradas. Ou seja, as pessoas “vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias” (p. 27). As histórias vividas e contadas educam a si mesmas e aos outros. Os autores percebem a narrativa como o modo pelo qual as pessoas experienciam o mundo, e entendem a Educação como o estudo da experiência.

Reportando-se à pesquisa narrativa, Clandinin e Connelly (2015) atribuem um duplo sentido a narrativa: como um fenômeno que se investiga e como um método de investigação. A narrativa, nesse entendimento, pode ser útil tanto como instrumento na pesquisa quanto como método, pois possibilita ao pesquisador capturar a essência da experiência humana e, conseqüentemente, da aprendizagem e mudança humanas. Em se tratando da pesquisa nas ciências sociais, eles defendem que a experiência educacional deve ser estudada narrativamente (Clandinin; Connelly, 2015).

Para Bolívar, Domingo e Fernandez (2001), a existência é construída dentro de uma estrutura similar à de uma narrativa literária, com um começo, uma sequencialidade e uma trama. É por meio de narrativas que os seres humanos interpretam a sua própria existência e a dos outros, descrevem acontecimentos e vidas, dão um sentido ao passado e ao presente. O modo como recontam suas histórias – aquilo que enfatizam ou omitem, sua posição como protagonistas ou vítimas, a relação que estabelecem entre quem conta e quem ouve - reflete o que podem declarar de suas próprias vidas. A forma narrativa é, pois, um modo de ordenar a experiência, de construir a realidade, de atribuir significado ao vivido (Bolívar; Domingo; Fernández, 2001).

As experiências passadas de pessoa para pessoa são, deste modo, a fonte à qual os narradores recorrem (Benjamin, 1987a). Entendemos que, ao narrar, o ser humano simultaneamente produz e compartilha experiências com seus interlocutores. Produz experiências porque, ao refletir sobre suas vivências, ele ressignifica acontecimentos, “repenha e reinventa sua vida, se responsabilizando pelos atos e, portanto, podendo

imaginar possibilidades de atuação futura” (Bolívar; Domingo; Fernández, 2001, p.33). Compartilha experiências porque ele se comunica e interage com o interlocutor; as histórias deixam de ser somente dele e passam a fazer parte da vida do outro, que pode reinterpretá-las de acordo com suas formas de pensar, sentir e agir (Larrosa, 1998).

A experiência é, portanto, o ponto central e basilar da pesquisa narrativa, uma vez que a narrativa é a melhor forma de pensar, comunicar, explicitar e construir sentidos sobre as experiências vividas. No Ghoem, assumimos a experiência no sentido de que não é aquilo que passa, mas aquilo que *nos* passa, que nos acontece, que nos toca e, ao nos passar, nos forma e nos transforma (Larrosa, 2002).

A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a idéia de travessia, e secundariamente a idéia de prova. [...]. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente (Larrosa, 2002, p. 25).

Nesse sentido, Larrosa (2002) nos diz que a experiência afeta, de algum modo, os sujeitos, deixa marcas, produz afetos, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. O saber da experiência “é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (p. 27). O acontecimento pode ser comum às pessoas, mas a experiência é única, subjetiva e de forma alguma pode ser repetida. “O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna” (Larrosa, 2002, p. 27).

Entendemos, assim, que cada narrativa é singular, legítima e irrefutável. Não buscamos confrontar verdades, comprová-las ou julgá-las, nem afirmar se o dito e vivido são enunciações “verdadeiras ou falsas”. O importante é o que a pessoa registrou de sua história, o que experienciou, o que é real para ela, e não os acontecimentos em si. “Os pontos de vista (as verdades do sujeito e das outras fontes disponíveis) são postos em diálogo, sem que uma fonte seja valorada de modo diferente, posto que cada um desses

recursos abre a possibilidade de conhecer perspectivas alternativas, ainda que não poucas vezes conflitantes” (Garnica, 2015a, p. 44).

Considerando a multiplicidade de olhares, as narrativas permitem perceber “que o passado comportava muitos outros futuros além daqueles que se efetivaram no presente” (Garnica, 2015a, p. 41). Os narradores de Javé, por exemplo, partem de suas sensibilidades e memórias para trazer à tona uma história multifacetada, em que as narrativas por vezes se repetem e, outras vezes, são completamente opostas, confundindo aquele que as interpreta diante da pluralidade de representações e da não linearidade da memória, que se manifesta carregada de valores e afetos individuais ou coletivos.

Nessa ótica, a narrativa representa a memória em movimento, pois, ao lembrar, o narrador reacende e revive utopias e sonhos, reconstrói a atmosfera de outros tempos, reativa embates políticos e ideológicos e reacende emoções (Thompson apud Delgado, 2003). Nessa ativação da memória, atribui significados aos acontecimentos, por meio de uma trama interpretativa que possibilita aos que se apropriam da narrativa tecer outros significados, estabelecendo assim “um processo contínuo de ouvir/ler/ver, atribuir significado, incorporar, gerar textos que são ouvidos/lidos/vistos pelo outro, que atribui a eles significados e os incorpora, gerando textos que são ouvidos/lidos/vistos...” (Garnica, 2010, p. 36).

Garnica (2015b) enfatiza que um dos modos possíveis de motivar e registrar narrativas é a História Oral, um recurso da pesquisa acadêmica que permite ao narrador se criar e se recriar em suas narrativas, ao mesmo tempo em que é reconduzido para o interior das práticas científicas. Essa recondução provoca alterações radicais nas práticas historiográficas, uma vez que o objeto pesquisado não é mais visto como algo fixo, mas sim percebido em suas manifestações mais diversas, em suas apropriações pelos sujeitos, sob os mais diversos pontos de vista e também a partir do olhar do outro.

A metodologia da História Oral, conforme temos praticado no Ghoem, integra-se ao conjunto de esforços de um grupo de pesquisadores - provenientes de diversas partes do Brasil - de produzir fontes e de registrar versões de diferentes sujeitos sobre suas experiências relativas à Educação Matemática, num processo que vem se constituindo com a própria prática de pesquisa. É uma metodologia que destaca a memória, a oralidade

e as experiências de vida como fundamentais para compreender fenômenos que se pretende investigar.

No âmbito dos trabalhos produzidos no Ghoem, as narrativas nos aproximam das memórias de atores do processo educativo e possibilitam o acesso às experiências e subjetividades dos sujeitos que, de outro modo, não seriam possíveis. No ato de contar sobre suas experiências, professores, ex-professores, gestores, funcionários, alunos, pais - enfim, os participantes do sistema de escolarização - tornam possível a compreensão das alterações e permanências que envolvem a Educação Matemática ao longo do tempo, seja em relação às práticas no interior das salas de aula, como metodologias, avaliação e relação professor/aluno; seja em relação às práticas para além dos muros escolares, como formação de professores, políticas públicas e a matemática produzida em comunidades distintas.

A pesquisa que desenvolvi no mestrado, que deu origem à dissertação *A Educação Matemática em Irati(PR): memórias e história*, apresenta narrativas de oito ex-alunos de escolas de Irati, que se tornaram professores, não necessariamente de Matemática, alguns atualmente aposentados, outros não. Ao me debruçar nessas narrativas, busquei olhar não apenas para a formação e atuação dos professores que ensinam/ensinaram Matemática nos diferentes níveis de ensino na região, mas também para a Matemática produzida nas salas de aula desde os primeiros anos do século XX, quando o município foi criado. Por meio das narrativas,

me apropriei não apenas de aspectos históricos da região de Irati, mas também de aspectos docentes e administrativos com os quais é possível compreender a Educação Matemática de uma forma específica, isto é, as práticas pedagógicas, as relações professor/aluno, as mudanças curriculares e ainda os sucessos, angústias e tensões profissionais que permeiam o cotidiano nas aulas de Matemática. Pude perceber, também, pela trajetória dos colaboradores, sentimentos, relações de poder e crenças que os professores têm em relação à Educação e, especificamente, em relação ao conhecimento matemático escolar (Fillos, 2008, p. 211).

Desse modo, as narrativas oportunizam compreensões sobre os sentidos que os indivíduos dão aos acontecimentos, indo além do objeto pesquisado. Permitem capturar tensões, problematizar conflitos e contradições vividos no “chão de sala de aula” e trazer à tona, com riqueza de detalhes, informações que não podem ser encontradas em documentos. Além disso, o mergulho nas experiências dos atores do processo educativo

escolar traz elementos para se repensar a formação do professor e as condições atualmente postas para o ensino e aprendizagem em sala de aula.

INSTÂNCIAS DA TEMPORALIDADE E UM EXERCÍCIO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras (Santo Agostinho).

Nas pesquisas realizadas sob um viés historiográfico, as narrativas têm se mostrado um instrumento profícuo para a constituição de versões históricas em que se entrecruzam temporalidades diversas. Ao contar sobre sua vida, o narrador não somente ordena as experiências passadas; ele reconstrói o presente em função de uma trajetória futura, estabelecendo relações entre o que ele *era* e o que *é* atualmente (Bolívar; Domingo; Fernández, 2002). Ele traz “o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais, existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro” (Galzerani, 2008, p. 21).

O registro da fala dos narradores funciona, portanto, como um elo entre o que passou e o que ficou, transformando-se no olhar do tempo presente sobre as experiências do tempo passado, mas não do tempo perdido. A transmissão das heranças do passado serve como sustentáculo para o autorreconhecimento do homem como sujeito de sua história e para que ele possa projetar suas ações futuras (Delgado, 2003). Como nos dizem Bolívar, Domingo e Fernandez (2001), “o conhecimento de si mesmo só é possível por meio de uma vida contada em um relato temporal, que reconhece o passado, recria e assume o presente e desenha um horizonte de ação” (p. 27).

Ricoeur (1997), em *Tempo e Narrativa*, evidencia a intensa correlação entre a atividade de narrar e o caráter temporal da experiência humana. Segundo ele, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo” (p. 15), assim como o ato de narrar atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da experiência temporal. Para o filósofo, a narrativa possui uma natureza temporal tridimensional, uma vez que o presente, o passado e a expectativa do futuro se imbricam

no discurso narrativo, não obedecendo necessariamente uma lógica linear e sequencial (Ricoeur, 1997).

Endossando a obra medieval em Santo Agostinho - que rejeita a tese aristotélica de que o tempo corresponde a um “movimento dos astros” - Ricoeur (1997) estabelece uma relação entre tempo e narrativa, sustentando a ideia de que o tempo narrado é o tempo da consciência humana, enquanto o tempo vivido é o tempo da experiência. Para ele, o tempo é interior, passa na alma e pode ser entendido por meio de uma tríplice equivalência do presente: presente do passado (memória), presente do presente (visão) e presente do futuro (espera). O que se mede não são as coisas passadas ou futuras, mas a lembrança e a espera que, no tempo vivido, se confundem. São os sujeitos que definem essa extensão dos tempos e estabelecem suas rupturas.

Ricoeur se utiliza dessa reflexão para extrair da experiência subjetiva do tempo recursos de hierarquização interna que permitem aprofundar a própria discussão sobre temporalidade. Ele sustenta que o tempo histórico é um terceiro tempo, construído narrativamente para mediar o tempo cósmico – do mundo – e o tempo subjetivo – do indivíduo (Ricoeur, 1997).

Também se apoiando na obra de Santo Agostinho, Rufino (2003) afirma que é impossível a separação das três modalidades do tempo, uma vez que elas estão imbricadas de modo que uma depende da outra. Apesar de o tempo presente ter primazia entre as categorias, ele é um tempo questionável e profundamente enigmático, pois, em seu ininterrupto fluxo, sempre nos escapa, “está mais próximo do não-ser do que do ser e não há uma coexistência dos seus momentos sucessivos” (Rufino, 2003, p. 109). O tempo presente, assim, pode ser comparado a uma neblina à nossa frente: podemos vê-la e até senti-la, mas não podemos segurá-la com as mãos (Koselleck, 2014). Nessa linha de pensamento,

O presente pode significar o ponto de interseção em que o futuro se transforma em passado, aquele ponto de interseção das três dimensões temporais que sempre faz desaparecer o presente. [...] Assim como o presente pode ser dissolvido entre o passado e o futuro, esse extremo mental também pode ser invertido: todo tempo é presente num sentido específico. Pois o futuro ainda não é, e o passado já não é mais (Koselleck, 2014, p. 231).

Nas pesquisas realizadas no Ghoem, as instâncias da temporalidade - passado, presente e futuro – e as relações entre elas são fortemente colocadas em evidência nas narrativas que produzimos, especialmente no projeto mapeamento, no qual tais instâncias se articulam na lógica da educação escolar. Nessas pesquisas, não tratamos do passado em si, “mas do passado que se inventa no presente e dos vários futuros projetados nesses vários passados inventados pelos sujeitos” (Garnica, 2015b, p. 183). Os dados, em sua maioria, são produzidos a partir de entrevistas gravadas em áudio, que posteriormente são transcritas e textualizadas, conforme os parâmetros da História Oral que praticamos.

Uma das narrativas que produzi na pesquisa de mestrado é de Avany Santos, a Dona Avany, que foi aluna em escolas do município de Irati e, posteriormente, professora, coordenadora pedagógica, diretora e inspetora de ensino, tendo dedicado quase meio século de sua vida à Educação. Quando a entrevistei, em dezembro de 2006, ela tinha 77 anos. Ao revistar a textualização de D. Avany na dissertação produzida, podemos perceber claramente em sua narrativa as relações imbricadas entre as três instâncias da temporalidade, denominadas neste trabalho de perspectiva presente/passado, perspectiva presente/futuro; perspectiva passado/futuro e perspectiva passado/presente/futuro. As lembranças de D. Avany, tanto como estudante quanto como profissional da educação, se entrecruzam com suas percepções da escola no presente e se projetam para o modo como ela pensa a educação no futuro. Os excertos a seguir, retirados de sua narrativa e que compõe parte de minha dissertação, evidenciam esse entrelaçamento entre presente, passado e futuro:

Minhas professoras do Duque de Caxias eram muito competentes. Sou professora de Matemática por causa delas que me transmitiram o gosto pela disciplina. (perspectiva presente/passado)

Naquela época, sempre que possível eu levava os alunos para visitar a tipografia, a telefônica, a estação ferroviária, o telégrafo, as fábricas... [...] Hoje em dia, não vejo mais isso! Vejo excursões para cascatas, praias, cidades... Mas relativo ao assunto do programa curricular, não tenho visto. (perspectiva presente/passado)

Quando a Lei 5692 foi implantada, os professores de cada estabelecimento tiveram a liberdade de modificar o currículo de

cada série. Em Irati, uma professora formada em Geografia teve a incumbência de coordenar a formação do novo currículo de Matemática. Fui contra, pois acredito que deveria ser um professor formado em Matemática. Fiquei muito triste com a retirada de alguns conteúdos da 3ª série primária como porcentagem, regra de três e juros; assuntos tão importantes e que muitos alunos deixavam de aprender, pois grande parte freqüentava somente o primário. Mais tarde, ao se empregar em balcões comerciais, tais conteúdos poderiam fazer falta a esses alunos. (perspectiva passado/futuro)

Hoje, ensinar no meio rural está mais fácil, pois praticamente não existem mais as classes multisseriadas. As escolas foram reunidas em uma única escola, as chamadas consolidadas, como as catorze escolas que foram reunidas na consolidada do Rio do Couro, fundada em 1982. (perspectiva presente/passado)

Minha mãe dava apoio total aos professores. Nos dias de hoje isso não acontece! O aluno faz o que quer em sala de aula e os pais nem ligam. Não há disciplina! No meu tempo de aluna e depois professora havia mais respeito. Não tive problemas de disciplina nas escolas que lecionei. (perspectiva presente/passado)

Fazendo um balanço do tempo que trabalhei na educação, só tenho a agradecer. Encontro seguidamente ex-alunos que vêm me dizer com carinho que aprenderam Matemática comigo. Isso é muito gratificante. Tive alguns percalços, mas quem não os têm? (perspectiva passado/presente)

Atualmente, um dos problemas na Educação é a aprovação dos alunos sem que estes tenham conhecimentos necessários. Os alunos passam para as séries seguintes sem saber ler ou interpretar e isso dificulta muito o ensino da Matemática lá na frente. (perspectiva presente/futuro)

Até hoje sou lembrada também pelos serviços assistenciais que prestei. As pessoas vêm até minha casa para me agradecer, trazem pinhão, frutas... Acho que depois dessa entrevista vou escrever esses fatos, deixar para meus filhos... São fatos dignificantes que não fiz para ganhar! (perspectiva passado/presente/futuro)

Se eu pudesse tirar de mim toda a experiência que tenho e entregá-la a alguém, eu faria. Porque toda essa experiência vai morrer comigo, não vou deixá-la a ninguém... Poderei apenas

deixar algumas palavras escritas! Minha experiência é enorme... Pena que já estou esquecendo das coisas... (perspectiva presente/futuro).

Observando os fragmentos, percebemos que a narrativa cria conexões que reinscrevem o tempo vivido em outros tempos. D. Avany desliza retrospectiva e prospectivamente no tempo, mantendo-se, na maior parte de sua narrativa, seja em épocas passadas ou atuais, em um lugar chamado escola. A narrativa é feita no presente, mas remete, tanto à narradora quanto àqueles que dela se apropriam, às experiências do passado, com um olhar voltado para projeções futuras. Nessa lógica, Ricoeur (1997) nos diz que tempo e narrativa se constituem reciprocamente: enquanto o tempo vivido é o objeto da narrativa, ou seja, a experiência, a narrativa é a consciência do vivido. Para ele, o tempo torna-se humano quando é narrado, pois é “tempo reconhecido”.

Ao revisitar a narrativa de D. Avany e explorar as experiências ali narradas, pude também rememorar minhas próprias experiências. Nesse esforço, diversos sentimentos me tocaram, como: cumplicidade, por contribuir para que as experiências de D. Avany fossem compartilhadas por outros; admiração, pela profissional, mãe e pessoa que ela é; gratidão, por tudo que aprendi com ela e com os demais sete colaboradores da pesquisa; nostalgia, pelos bons momentos vividos no mestrado; e uma sensação de dever cumprido, embora também com a reflexão de que poderia ter feito melhor ou de outra forma.

Se hoje eu entrevistasse D. Avany, quase vinte anos depois, sua narrativa seria a mesma? Ela me contaria as mesmas coisas? Sua memória contribuiria para rememorar sua história? Omitiria alguma fala? Contaria algo a mais? Como uma experiência de forma alguma pode ser repetida (Larrosa, 2002), certamente seria outra narrativa, uma vez que “o tempo confere singularidade a cada experiência concreta da vida humana” (Delgado, 2003, p. 12). As narrativas, portanto, são interpretações de mundo e expressam a verdade de cada sujeito em tempo, espaço e contextos específicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre as potencialidades da narrativa, a partir das discussões promovidas na disciplina, do movimento teórico-metodológico adotado pelo Grupo de

História Oral e Educação Matemática e de minhas experiências na investigação acadêmica, posso afirmar que a narrativa é uma forma privilegiada de compreender o outro, de revelar subjetividades, de dar sentido às experiências e de olhar o passado com as lentes do presente, numa visão prospectiva. As narrativas constituem-se em fontes substanciais de conhecimento, potencializando um profundo processo de reflexão sobre as vidas dos outros e sobre nossa própria vida.

Ao trabalharmos com a pesquisa narrativa, é importante estarmos cientes de que estamos adentrando em um território repleto de significações e reinterpretações, mas também de ambiguidades e tensões. Cada sujeito constrói uma narrativa acerca de *seu* passado, produz sentidos para as *suas* experiências, sob o *seu* ponto de vista, trazendo não “uma vida como de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu” (BENJAMIN, 1987b, p. 37). No trabalho com narrativas, mais importante do que o *eu* que vivencia a experiência é o *eu* que a narra em um determinado tempo, contexto e lugar.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R. et al. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto, 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: BENJAMIN. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, vol 1., 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1987a.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In.: BENJAMIN. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987b.
- BOLÍVAR, A., DOMINGO, J., FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa en educación: Enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001. p. 13-122.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores. 2 ed. Ver. Uberlândia: EDUFU, 2015. 250 p.
- DELGADO, L.A.N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, 6, 2003, p. 9-25.

FILLOS, L. M. **A Educação Matemática em Irati(PR): memórias e história.** 2008. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FILLOS, L. M. **Modelagem Matemática nos anos 1980: narrativas e itinerários de cursos de especialização.** 2019. 375 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2019.

GALZERANI, M. C. B. Memória Tempo e História: perspectivas teórico-metodológicas para pesquisa em ensino de história. **Cadernos do CEOM (UNOESC)**, v. 28, p. 15-30, 2008.

GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, n. 2, p. 29-42, 2010.

GARNICA, A. V. M. História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **História Oral**, v. 18, n. 2, p. 35-53, jul./dez. 2015a.

GARNICA, A. V. M. O pulo do sapo: narrativas, História Oral, Insubordinação e Educação Matemática. In: Beatriz Silva D'Ambrosio e Celi Espassandim Lopes. (Org.). **Vertentes da Subversão na Produção Científica em Educação Matemática.** Campinas (SP): Mercado de Letras, 2015b, v. 01, p. 181-206.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo:** estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2014.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura:** estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes, 1998.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, nº 19 p. 20-28, jan. /abr. 2002.

NARRADORES DE JAVÉ. Direção de Eliane Caffé. **Manaus: Videolar S.A.**, sob licença de Videofilmes Produções Artísticas LTDA, 2005.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa.** São Paulo: Papirus, 1997.

RUFINO, J. R. **O tempo da consciência e a consciência do tempo no pensamento de Santo Agostinho.** 2003. 180 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2003.

Submetido em 29/11/2024.

Aprovado em 26/08/2025.

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

